

# **A ESTRELA E SEUS ENSINAMENTOS**

## **Antigas Representações da Estrela**

Na antiguidade o céu era usado como mapa, calendário e relógio e o céu noturno representava a ordem cósmica da criação. As estrelas sempre visíveis no céu eram consideradas como um símbolo da imortalidade e do conflito eterno entre as forças espirituais – associadas à luz - e materiais – representadas pelas trevas. Acreditava-se que as estrelas, feitas de um quinto elemento celestial, tinham um propósito que ainda faltava ser descoberto. No antigo Egito, a estrela “Shá” aparecia nas práticas e ritos sagrados na forma de um astro de dupla face, que representava a materialidade e a imaterialidade da divindade e a sua projeção no homem. Os egípcios acreditavam que a Estrela Sírius (representada pela Deusa Sothis) detinha o destino do nosso Planeta e que iam para lá as almas dos Faraós e Sacerdotes. Como os sacerdotes perceberam que a estrela Sirius desaparecia do céu por 365 dias e sempre reaparecia antes das cheias do Nilo, eles atribuíram ao ciclo dessa estrela o tempo de um ano, que começava quando a estrela Sirius surgia no horizonte da cidade de Mênfis, em uma data correspondente ao dia 16 de julho do nosso calendário. Eles viam Sírius (que tem o tamanho real de 1,8 vezes o do Sol) como uma doadora de vida, porque ela sempre reaparecia na época da enchente anual do Nilo. Nos Textos da Pirâmide (escritos religiosos com mais de 4500 anos) o hieróglifo egípcio para a Estrela era uma figura de cinco pontas, ou pentagrama. Desde a antiguidade o pentagrama vem sendo utilizado na cabala e em rituais de todos os tipos com objetivos mágicos. Já na antiga Mesopotâmia, cerca de 3500 AC, ele era utilizado como símbolo do poder imperial e entre 300 e 150 AC, ele foi o selo oficial da cidade de Jerusalém, representando também os cinco livros do Pentateuco. Na Grécia antiga ele era composto por cinco Alphas maiúsculas. Os pitagóricos representavam a estrela conhecida como “Estrela de Toth” através de um pentagrama com a letra G no centro, designando Geometria, pois para Pitágoras, o universo só poderia ser compreendido a partir dos princípios da Geometria. Neste contexto, a Geometria Sagrada era um emblema de saúde, aludindo à harmonia do corpo e da alma. A estrela assim representada estava associada à idéia de sabedoria, conhecimento e iluminação. O pentagrama foi difundido pela Escola Pitagórica, sendo que para Pitágoras a estrela com esta representação mantinha o poder do homem sob o reino inferior, dando proteção contra os agentes do mal e fortalecendo a segurança e a iluminação.

## **O Significado do Pentagrama**

Os antigos judeus, como todos os povos daquela época, tinham alguma fascinação pelo culto ao Sol e conhecimento dos movimentos nos céus, associado à crença do efeito das estrelas nos assuntos da humanidade. A tradição judaica atribuía ao pentagrama a representação do ser humano antes da queda (“Adam Kadmon”) e quando o signo se apresentava invertido,

representava o homem caído (“Adam Belial”), que era a inteligência humana dominada pela matéria.”Baseados na antiga astronomia ptolomaica, que tentava manter a órbita dos outros planetas ao redor da Terra, astrônomos do passado especulavam órbitas excêntricas para os planetas e isso fez com que, aparentemente, a órbita de Vênus desenhasse um pentagrama no espaço”. “Vênus foi associado a diversas divindades e cultuado por diversas culturas. O símbolo é encontrado na natureza, como a forma que o planeta Vênus faz durante a aparente retroação de sua órbita. Trata-se de um dos símbolos pagãos mais utilizados na magia cerimonial, pois representa os quatro elementos (água, terra, fogo e ar) coordenados pelo espírito, sendo considerado um talismã muito eficiente”. Na cultura chinesa, o pentagrama representa o ciclo, o caminho da destruição e também o equilíbrio. Cada uma de suas pontas representa um elemento: água, terra, fogo, madeira e metal. Pitágoras considerava o número cinco como um número “nupcial”, pois era o resultado da soma (2+3) do primeiro número par (representando o feminino – a terra) com o primeiro número ímpar (representando o masculino – o céu), e as várias tradições associaram este número com o Homem Primordial ou Andrógino. Dessa forma, o Pentagrama representou o emblema por excelência do microcosmo, nele se inscrevendo a figura humana representando o Homem Primordial. A tradição acrescenta aos quatro elementos (terra, água, ar e fogo) um quinto, chamado éter, simbolizando o espaço celeste e o espírito, unindo dentro de si todos os seres. No ser humano, o éter une a alma individual com a realidade universal, ou seja, o humano com o divino. É importante observar que até poucos séculos atrás, não eram atribuídas conotações maléficas a esse símbolo. O imperador Constantino chegou a usar o pentagrama com o cristograma, ou seja, uma forma simbólica de cruz, como talismã. Naquela época, o pentagrama era um símbolo popular de proteção e representava a Verdade e o trabalho do Criador sendo manifestado. No séc. XIX Eliphas Lévi associou o pentagrama à figura do corpo humano com alta espiritualidade, mas, colocado no sentido oposto, ou melhor, com a ponta posicionada para baixo, associou-o aos maus instintos e à figura do Baphomet. O símbolo de Baphomet havia sido usado pela inquisição católica para acusar os Templários de adorarem Satã. Lévi afirmava que se a pessoa invertesse as letras de Baphomet, obteria a frase latina “TEM O H P AB” que seria a abreviação de “Templi Omnium Hominum Pacis Abbas”, ou “O Pai do Templo da Paz de Todos os Homens”. Isto era uma referência ao Templo do Rei Salomão, capaz de levar a paz a todos. Até hoje se discute o real significado do Baphomet dos Templários, sem que haja concordância entre os historiadores. C Knight e R.Lomas, descobriram que aplicando-se o Código Atbash (código secreto da Comunidade de Qumran) ao nome de Baphomet, revela-se a palavra Sophia (sabedoria, em grego). Entretanto Lévi fazia menção em seus escritos a um “Baphomet dos Templários, o ídolo adorado dos alquimistas, o deus obscuro de Mendes, a cabra do Sabbath”, e o bode do Sabbath negro era o símbolo que os satanistas costumavam adorar em seus rituais. Há que se reconhecer que Lévi efetivamente nunca fez uma associação

do Baphomet à Maçonaria. Isto foi obra de Leon Taxil, que havia sido iniciado na Maçonaria, mas fora expulso ainda como aprendiz e, talvez por vingança, lançou em 1887 o livro "Os Mistérios da Franco Maçonaria", patrocinado pelo Papa, e inventou uma ordem maçônica supostamente secreta chamada Palladium, onde descrevia um grupo de maçons endiabrados dançando ao redor do Baphomet, puxados por Eliphas Lévi, que era então falecido. Alguns anos depois, Taxil revelou em um salão lotado que nunca havia existido a tal "OrdemPalladium" e que ele havia inventado tudo com o apoio do Papa. Foi um escândalo monumental naquele dia de 19 de abril de 1897, mas mesmo assim a mentira continuou sendo aproveitada pelas novas gerações de religiosos intolerantes. A leviana interpretação de Lévi, associada às fragrantemente mentiras de Taxil, foram de fundamental importância para que os mal intencionados pudessem associar a magia negra ao nome da Maçonaria, pois para as entidades anti maçônicas, o fato do pentagrama ocupar lugar de destaque na Maçonaria, mesmo descartando a figura de Baphomet, constituía uma excelente oportunidade para associar a imagem do bode ao pentagrama invertido e chegar à desonesta conclusão de que todos os maçons tinham de ser satanistas. A má-fé foi tanta, que pouco importou os protestos e esclarecimentos, sempre solenemente ignorados. O curioso é que os críticos mais ativos estavam ligados à Igreja Católica, esquecendo que o pentagrama também já tinha sido usado como um símbolo cristão, representando, em suas partes, as cinco chagas de Cristo. Até hoje para algumas correntes esotéricas, o pentagrama invertido nada tem a ver com a figura do bode maléfico e tenebroso, mas sim com uma figuração do ser humano transcendendo o nível material da existência e renascendo para uma vida nova, em um estado de consciência superior. Figurativamente, os pés não mais repousam na terra e sim nas estrelas, traçando um paralelo com a Árvore da Vida da Cabala hebraica, que tem uma representação invertida, com as raízes voltadas para o céu e a copa para baixo, simbolizando o caminho do processo iniciático de progresso espiritual. Neste sentido, a luz de Vênus tem sido representada como uma descida do espírito na matéria e seu possível retorno. Castellani, em Liturgia e Ritualística do Grau de Companheiro Maçom, sustenta que para os ocultistas, todos os mistérios da magia, da alquimia oculta, todos os símbolos da gnose e todas as chaves cabalísticas, resumiam-se no pentagrama. Paracelso proclamou em XVI o pentagrama como o mais poderoso de todos os signos. Na era moderna, a estrela de cinco pontas com a ponta para cima, mas circunscrita em um círculo, tem sido associada à wicca (bruxaria), e, de forma invertida, com a ponta para baixo, ao satanismo.

### **A Letra G**

No Templo Maçônico, a Estrela Flamejante com a letra G dentro dela, simboliza a perfeição humana e o arquétipo divino do homem. A letra G é um enigma maçônico, constituindo um verdadeiro mistério que nem os mais cultos

e sábios Maçons conseguem decifrá-lo. Vários significados são dados para a letra G, entre eles:

**Gnose** - conhecimento superior, interno, espiritual, iniciático, representando não a busca do conhecimento intelectual, mas aquele que dá sentido e significado à vida humana e permite o encontro do homem com sua essência divina.

**Deus (God)** - glória, para Deus. Essa letra tomou o lugar do IOD hebraico, inicial de Ihoah (Jehovah), que era o nome de Deus para os hebreus.

**Geometria** - ciência da medida das extensões, a mais importante das sete artes liberais,

**Geração** - É a vida ou a força criadora localizada no centro de todo ser e de todas as coisas.

**Para Ragon**, A Maçonaria oculta e a iniciação hermética, pg.334, “Essa quintessência celeste, em Maçonaria, intitula-se estrela flamejante de cinco pontas, chamada pelos filósofos de fogo central da Natureza, simbolizada pela letra 'G', que quer dizer geração dos corpos (própria da filosofia hermética, que não precisa confundir-se com a alquimia)”.

### **O Hexagrama e a Estrela de Davi**

A estrela de seis pontas, ou hexagrama, é um símbolo muito antigo, difundido pelos hebreus, mas também usado pela alquimia e pelo ocultismo. Ela é formada por dois triângulos cruzados e em posições opostas. A chamada estrela de Davi na realidade não foi inventada por Davi, mas sim utilizada por ele, originalmente como selo e desenhada nos escudos dos seus guerreiros, e aos poucos foi mudando para um tipo de signo místico associado à Vênus, que foi reconhecido por Jesus em apocalipse (22, 16): “Eu, Jesus, enviei o meu anjo para vos atestar estas coisas a respeito das igrejas. Eu sou a raiz e a Geração de David, a brilhante Estrela da manhã”. A diferença entre o Hexagrama e a Estrela de Davi é que na Estrela de Davi os triângulos são sobrepostos (um passa em cima do outro), enquanto no hexagrama os triângulos são entrelaçados. A Estrela de Davi representa a igreja de Cristo, enquanto o Hexagrama tem sido considerado um símbolo maligno e poderoso da feitiçaria. Com o tempo, a estrela de Davi passou a ser conhecida também como o selo de Salomão e usada como símbolo da nação de Israel e do povo judeu, estando presente na própria bandeira de Israel. Para a cabala, a estrela de seis pontas representa as sete sefirot, que são as emanções divinas inferiores com as quais nos relacionamos, já que as 3 sefirot superiores não se encontram em nossa realidade física. O triângulo superior da estrela representa os princípios não manifestados (espiritualidade) e o triângulo inferior representa a criação como seu reflexo ilusório e transitório (materialidade). Esta estrela representa o macrocosmo, isto é, o mundo em toda a sua extensão infinita, enquanto o

pentagrama, chamado pelo Livro do Zohar de “Microprosopio”, representa o microcosmo humano, isto é, o homem considerado como um mundo em miniatura. Esta analogia do Macrocosmo e o Microcosmo remete ao axioma da Tábua Esmeraldina atribuída a Hermes: “como é em cima, assim é embaixo”. Outra interpretação é de que o triângulo com o vértice para baixo simboliza a água, ou o princípio feminino, e o outro com o vértice para cima representa o fogo, ou o princípio masculino. Isto remete à união dos opostos que são complementares, evocando a perfeição e harmonia. A tradição hinduísta vê nessa imagem a união do deus Shiva (masculino) com sua consorte Shakti (feminino), simbolizando a síntese das forças evolutivas e involutivas.

### **A Importância da Astrologia**

As antigas tradições diziam que as almas humanas tinham sua morada numa estrela ou então que em cada estrela havia uma entidade que velava por cada ser humano, entidade esta que mais tarde ficou associada ao anjo da guarda. Por isso, as estrelas sempre foram associadas à boa sorte e aos destinos dos seres humanos. Como o céu era considerado a morada dos Deuses que detinham o governo de todo o universo, era importante observar os segredos ele poderiam revelar e os seus efeitos na Terra. Até hoje o cristianismo coloca o paraíso no céu e o inferno em algum lugar subterrâneo. Assim, a Astrologia se baseava nas cuidadosas observações que os sacerdotes faziam das aparições no céu, associadas aos eventos importantes que ocorriam naquele momento. O objetivo era prever o futuro pelo exame do céu, tendo, para isso, a necessidade de saber quando ocorreriam novamente aqueles padrões astronômicos similares, para prever o que iria acontecer com base no que tinha sido observado nas situações similares anteriores. Na antiguidade, havia apenas dois meios oficiais de interpretar a vontade dos Deuses: o exame das entranhas dos animais sacrificados e a Astrologia, que sempre foi detentora de maior prestígio e consideração. Em torno de 1000 AC, os astrônomos da Mesopotâmia desenvolveram um calendário baseado nas três estrelas mais brilhantes no céu, definindo as estações do ano em função das suas aparições. Aparentemente, não havia base científica envolvida nas previsões associadas, embora tal motivação induzisse o desenvolvimento de técnicas de Astronomia para prever a aparição dos astros. Não foi por acaso que a maior contribuição dos Caldeus aconteceu no campo da Aritmética e das observações astronômicas, aparentemente feitas no interesse da leitura de sorte ou azar. Um movimento em direção à Astrologia pessoal começou em 400 AC, ligando influências planetárias com a idéia de sorte ou azar, fazendo previsões futuras. Naquela época, os antigos gregos desenvolveram as bases da moderna Astrologia e, com isso, foi descoberto o movimento de precessão (ou o grande ciclo das eras) por Hiparco, que consiste em uma pequena oscilação no eixo de rotação da Terra, que faz com que o nascer do sol se mova um grau a cada 72 anos, quando visto contra o fundo das constelações do zodíaco. O

resultado é que hoje em dia as constelações estelares no céu em determinado mês não conferem com os signos estelares previstos para aquele período, pois já ocorreram muitas mudanças e estamos próximos o início de uma nova era: a era de Aquário. Embora a Astrologia seja hoje desconsiderada pelos cristãos, o conhecimento dos movimentos nos céus, especialmente associados aos ciclos bíblicos, era uma das crenças centrais dos grupos judeus que deram origem ao cristianismo. Seus principais efeitos estavam nas bases das profecias realizadas. O povo da comunidade de Qumran observava o Sol com regularidade e usava um calendário solar que era mais preciso que os lunares, usados pelos demais judeus. No século XVII, todos os Maçons bem-sucedidos tinham sido fanáticos crentes da Astrologia, de modo que a Maçonaria buscou preservar a crença de que a posição dos corpos celestes afetavam as ações dos indivíduos na Terra. Atualmente, alguns Maçons se preocupam que estejam sendo preservadas antigas tolices astrológicas nos rituais, pois, a rigor, a Maçonaria e a Astrologia são hoje as únicas tradições que buscam preservar a crença de que a posição dos corpos celestes possam afetar as ações dos indivíduos na Terra. Esta crença é baseada completamente nas antigas tradições, pois temos que reconhecer que a moderna Astrologia ainda está fundamentada em idéias de Ptolomeu de quase dois mil anos, quando a terra era considerada como o “centro das esferas de cristal”.Entretanto, estudos realizados por Gunter Sachs (The Astrology File, Orion, 1997), buscando correlação entre padrões de comportamento humano e signos astrológicos, mostrou várias correlações estatísticas altamente significativas, embora sem oferecer razões para isto acontecer. Além disso, estudos cuidadosos realizados pelo Prof. McClelland, de Harvard, em ciclos econômicos e sociais, sugerem uma forte tendência destes ciclos de longo prazo coincidirem com eventos planetários, especialmente com a aparição da Shekinah, que veremos adiante.

### **O Planeta Vênus**

Vênus está entre a órbita da Terra e o Sol e apresenta fases como a Lua. Na Terra, Vênus é o objeto mais brilhante no céu depois do Sol e da Lua, aparecendo pouco antes do amanhecer, como Estrela da manhã, ou logo depois do anoitecer, como Estrela vespertina. Devido à sua proximidade com a Terra, embora ele seja um planeta, sua luminosidade é 13 vezes mais forte do que a estrela mais brilhante, que é Sírius. Sua atmosfera é repleta de nuvens que são as responsáveis em refletir 75% da luz que chega do sol, formando um planeta brilhante como é visto da Terra. Durante 11 meses, Vênus é chamado de Estrela Vespertina ou Estrela da Tarde, porque ele se põe no máximo 3 horas depois do Sol e nos outros 11 meses ele aparece no máximo umas 3 horas antes do Sol, como Estrela Matutina ou Estrela Dalva. Quando ele está próximo à terra, em conjunção inferior, nas cinco semanas antes ou depois de ele estar na fase de «nova», ele tem a sua imagem na Terra aumentada em 6 vezes e se apresenta ainda mais brilhante. Isto acontece uma vez a cada 8 anos e este período era conhecido no Antigo Egito como o ciclo Sothis.Na

Mesopotâmia, o planeta Vênus era conhecida por diversos outros nomes tais como Asherah, Ashtart, Baalat, Ishtar, Shekinah, Baalat, Inanna, Anat e Astaroth. Por aparecer em horários diferentes (ao anoitecer ou antes do alvorecer), durante muito tempo ele era considerado como sendo dois astros diferentes, aos quais eram dados os nomes de Lúcifer e Vesper (em latim, Lúcifer significa "portador da luz" e foi apenas devido a um problema na tradução da bíblia, que ele foi associado ao mal). No século III a.C. Pitágoras descobriu que era um único astro, mas foram os romanos que deram o nome de Vênus, que é a deusa romana do amor e da beleza. Vênus se ajusta a um horário tão previsível ao longo do tempo que tem servido como padrão para ajuste de relógios e foram observados vários ciclos:

- a cada 8 anos ele retorna ao mesmo ponto no céu, em conjunção inferior, embora as estrelas no fundo sejam completamente diferentes.
- a cada 40 anos ele executa uma volta completa, terminando onde havia começado, em um movimento preciso em segundos, aparecendo com a mesma configuração de estrelas ao fundo;
- a cada 480 anos, ou seja, 12 ciclos de 40 anos ocorre a conjunção dos planetas Mercúrio e Vênus, que, vistos da Terra, se sobrepõem e parecem uma única estrela avermelhada, extremamente brilhante, provocando sombras no chão.
- a cada 1440 anos, ou seja, 3 ciclos de 480 anos, Mercúrio e Vênus sobrepostos estão no mesmo lugar do céu, com exatamente as mesmas estrelas no fundo.

O fato do padrão de Vênus ser tão previsível que possa ser usado para ajuste de relógios, serviu para conectar este planeta ao Metatron, que é um medidor de tempo também associado a Enoch. O primeiro nome de Jerusalém era Urushalim - o prefixo uru significa "fundada por" e o sufixo shalem ou salem representa o nome do deus cananeu de Vênus, quando em sua aparição noturna. Estranhamente, embora o nome de Jerusalém seja dedicado a Vênus em sua aparição noturna, o Templo de Salomão estava voltado para a outra direção - aquela em que Vênus se comporta como a Estrela da Manhã.

### **A Shekinah**

Segundo C. Knight e R. Lomas, em O Livro de Hiram, o fenômeno da Shekinah (estrela flamejante) se repete a cada 480 anos, ou seja, a cada 12 ciclos de Vênus de 40 anos, e é causado pela conjunção dos planetas Vênus e Mercúrio, que, vistos da Terra, se sobrepõem e parece uma única estrela, gerando uma luz extremamente brilhante e avermelhada na pré-aurora do solstício de inverno. Este fenômeno sempre foi considerado como uma grande manifestação divina. Para eles, este ciclo era conhecido desde o "Povo do Pote Entalhado", residentes nas Ilhas Britânicas no período neolítico, que

construíram o Newgrange (edificação de pedra de 280 mil toneladas, datada de 3500 AC, onde o sol iluminava o corredor e a câmara central no solstício de inverno e que tinha uma passagem para permitir que a luz de Vênus entrasse em uma câmara interior, no solstício de inverno a cada 8 anos). O termo Shekinah poderia ser chamado sinteticamente de "a glória de Deus manifesta". Ele significa esplendor, glória visível ou "Divina Presença", sendo considerado sua face feminina e materna e uma transliteração da raiz hebraica "shkn" = habitar, fazer morada. Segundo a Wikipédia, "Adotado pelos cristãos, este termo "shkn", refere-se à glória visível de Deus habitando no meio do seu povo. Usa-se este vocábulo para designar a presença radiante de Deus, como vista na coluna de fogo no Monte Sinai, no Propiciatório entre os querubins, no Tabernáculo, no Templo, etc. Embora a palavra shekinah não apareça diretamente na Bíblia, há alusões à 'glória de Deus (shekinah)' em diversas passagens". A Shekinah ("ele fez habitar") aparece na Literatura rabínica fazendo alusão à presença divina em Israel. Na bíblia, Deus diz ao seu povo: Êxodo 25.8: "E me farão um santuário, para que eu possa habitar no meio deles". Êxodo 26.1: "Farás o tabernáculo, que terá dez cortinas de linho retorcido". Êxodo 29.45: "E habitarei no meio dos filhos de Israel e serei o seu Deus". Os judeus cabalistas começaram a utilizar esta palavra a partir do séc. XIII, com o sentido de glória. Na Cabala esotérica, Shekinah é a essência do Ain Soph (o Deus Supremo da Cabala) que depois de emanado ficou preso em Malkuth (mundo físico), sendo correspondente à Shakti ou Kundalini da tradição esotérica oriental da Yoga. Para o livro cabalístico Zohar (livro do esplendor), a evolução do homem é um processo em que o polo feminino do Divino (Shekinah), presente potencialmente na criação e no homem (Malkuth-mundo físico), se une ao pólo masculino da Divindade (Kether-manifestações que acontecem nas outras dimensões). A Shekinah sempre foi tomada como uma benção de Deus. Estranhamente, as referências doutrinárias da Bíblia de Estudos Pentecostal apontam que o termo shekinah é uma palavra hebraica usada para designar a deusa mesopotâmica LILITH-INANA, ou seja, uma deusa da fertilidade do misticismo judaico, sendo, portanto, o nome de um "demônio cabalístico". Trata-se de uma interpretação Pentecostal singular, com origem explicável e discutível, mas cuja discussão chega a ser estéril, pois tais assuntos revestidos do caráter de dogma religioso, não admitem contestação e pretendem ser a "verdade última e única". Na realidade, a associação de shekinah com a deusa mesopotâmica decorre do fato das duas serem associadas à sabedoria e à luz do planeta Vênus, mas não é razoável que o fato dos mesopotâmios terem associado na antiguidade uma deusa pagã ao planeta Vênus constitua prova suficiente para demonizar hoje qualquer assunto ligado a este planeta, mesmo porque ele está ligado a Jesus, como a Estrela da Manhã. A palavra Shekinah é mencionada seis vezes no Alcorão, representando garantia de paz, calma e tranqüilidade. O cap.2, vers.248 diz: "E seu mensageiro disse-lhes: Em verdade! O sinal do seu reino é que não virá a vós At-Tabut (a arca perdida), onde é Sakinah do vosso Senhor e um remanescente do que Moisés e Arão deixaram para trás, levado pelos anjos.



Em verdade, nisto há um sinal para vós, se sois crentes”. Existem várias citações sobre a Shekinah no Dicionário Bíblico Vida nova, de Derek Williams, associando-a à nuvem de fogo, provavelmente devido à luz avermelhada do planeta Mercúrio. Segundo ele:

**1)** A Shekinah apareceu pela primeira vez quando Deus conduziu Israel para fora do Egito e o protegeu por meio de uma coluna de nuvem e de fogo (Êxodo 13.21; “O Senhor ia adiante deles, durante o dia, numa coluna de nuvem, para os guiar pelo caminho; durante a noite, numa coluna de fogo, para os alumiar, a fim de que caminhassem de dia e de noite”. Êxodo 19.16-19: “Ao amanhecer do terceiro dia houve trovões e relâmpagos e uma espessa nuvem sobre o monte... E Moisés levou o povo fora do arraial ao encontro de Deus e puseram-se aos pés do monte. Todo o monte Sinai fumegava... Moisés falava e Deus lhe respondia no trovão”).

**2)** A Shekinah diz respeito à nuvem que cercava a glória (Êxodo 40.34: “Então a nuvem cobriu a tenda da congregação, e a glória do Senhor encheu o tabernáculo”. Êxodo 40.38: “De dia, a nuvem do Senhor repousava sobre o tabernáculo, e, de noite, havia fogo nela”).

**3)** A Shekinah reapareceu com Cristo (Mateus 17.5: “quando uma nuvem luminosa os envolveu; e, eis, vindo da nuvem uma voz que dizia: Este é o meu Filho amado”) O profeta Isaías (Is 60: 1,3,6) escreveu a respeito do futuro messias provavelmente baseado na Shekinah: “Dispõe-te, resplandece, porque vem a tua luz e a glória do Senhor nasce sobre ti... As nações encaminham-se para a tua luz e os reis para o esplendor que te nasceu... trarão ouro e incenso e publicarão os louvores do Senhor”. Pela importância do profeta Isaías, os antigos cristãos buscaram enquadrar Jesus nesta profecia, incorporando os reis magos e os presentes mencionados. Segundo Lindemann, em A Ciência da Astrologia e as Escolas de Mistérios, p. 22, Johannes Kepler (1571-1630), já “sustentava que a Estrela de Belém era na verdade a conjunção de Júpiter com Saturno, ou seja, a relação doplaneta da graça com o planeta do sacrifício, os dois em linha, com conjunção, proporcionariam um brilho extraordinário no céu, a soma do brilho destes dois planetas, que resultava mais tarde chamada de Estrela de Belém”. Ele só errou no nome do planeta Saturno, pois nessa época Júpiter estava realmente em conjunção a Vênus e Mercúrio. Na construção do Templo, havia exigência que a luz da Shekinah penetrasse no sacrário e, para isso, ele estava orientado para o leste, de forma a permitir o acesso da Shekinah, que na escuridão da pré-aurora do santuário interno do Templo de Salomão, resplandeceria como uma grande luz, ofuscando quem lá estivesse. Segundo a tradição, o “selo” de Salomão foi criado com a figura de uma estrela (Estrela de Davi) constituída de uma pirâmide em pé e uma pirâmide invertida, derivadas dos ângulos criados pelas sombras lançadas ao nascer e ao pôr do sol nos dois solstícios em Jerusalém, de modo a formar um símbolo da Shekinah. Na Escócia da idade média, a Família Sinclair (que significa: sagrada luz brilhante) foi formada pela aproximação das famílias de

judeus com noruegueses descendentes do “Povo do Pote Entalhado”, que partilhavam dos conhecimentos e acompanhavam os ciclos padrões do planeta Vênus e que tinham um entendimento parecido dos seus efeitos. Não é por acaso que o significado da palavra gaélica “Roslin” (capela de Rosslyn) indica “uma sagrada luz brilhante de antigo conhecimento passado por gerações”. São claras as associações da Shekinah às ocorrências dos grandes acontecimentos: a construção de Rosslyn começou 1440 anos depois do nascimento de Jesus (ou seja, após três ciclos da Shekinah); Jesus nasceu 1440 anos depois de Moisés e de seu Êxodo; e o Templo de Salomão começou 1440 anos depois do Dilúvio. O Templo de Zorobabel começou 480 anos depois do Templo de Salomão (um ciclo da Shekinah) e 1440 anos depois de Abraão (então com 75 anos) ir para a nova Canaã. Além disso, Enoch (3382 AC) antecede Abraão em cerca de três ciclos da Shekinah. Como se pode ver, todos estes acontecimentos ocorreram nas épocas de ocorrência do fenômeno da Shekinah (ou então a história foi alterada para situá-los naquelas datas de ocorrência, o que indicaria, também, uma intencionalidade de iniciar a construção de Rosslyn exatamente naquele ano). Davi McClelland, de Harvard, em *The Achieving Society*, identificou na história antiga um padrão de crescimento, clímax e declínio da Grécia em anos que também combinavam com os padrões de aparições da Shekinah e, por isso, não é de se estranhar que o Velho Testamento judaico refletisse uma visão cíclica da história judaica, com um padrão compatível com o ciclo da Shekinah. Implícito nisto está a visão de que Deus decreta leis da natureza que podem ser descobertas pelo homem através dos sinais fornecidos. É interessante observar que a busca do termo “480 years” no Google traz 126 mil resultados, mostrando que este ciclo é bastante reconhecido, porém com menos de 0,5% deles associados à ocorrência da shekinah. Por outro lado, a busca por “shekinah” no Google traz 3,8 milhões resultados, com menos de 0,02% deles associados à ocorrência do ciclo de “480years”, mostrando que a shekinah e o ciclo bíblico de 480 anos são conceitos bem conhecidos, mas que a importantíssima associação descoberta por C.Knight e R.Lomas (em “O Livro de Hiram”) do fenômeno shekinah com o ciclo bíblico de 480 anos, ainda está longe de ser de conhecimento geral. Efetivamente, a capela de Rosslyn, iniciada no ciclo da Shekinah, foi uma cuidadosa cópia do Templo de Salomão e deve ter sido construído para fazer a vontade de Deus na terra. Por isso é que C.Knight e R.Lomas estão convencidos de que no subsolo de Rosslyn estão escondidos os pretensos pergaminhos encontrados pelos Templários no Templo de Salomão, os quais guardam verdades importantes e profundas, que ainda não são de conhecimento de todos. Além disso, eles descartam que a Maçonaria tenha sido originada dos rituais dos pedreiros, acreditando que foi durante a construção de Rosslyn que as bases da Maçonaria foram construídas, pois eles encontraram fortes conexões com vários graus da Maçonaria moderna. Entretanto, Robert Cooper, arquivista da Grande Loja da Escócia e autor de “The Rosslyn Hoax? Viewing Rosslyn Chapel from a new perspective” (London: Lewis, 2006), considerada como a obra definitiva sobre

Rosslyn, surpreendentemente garante que não há simbolismo maçônico na Capela de Rosslyn.

### **Representação Maçônica da Estrela**

No séc. XVI, o pentagrama, ou estrela de cinco pontas, recebeu o nome de estrela flamejante ou estrela flamígera, passando a figurar em rituais esotéricos Maçônicos a partir do sec. XVIII. Alguns autores falam que ela foi introduzida na maçonaria por Tschoudy, nascido em 1730, mas exatamente neste mesmo ano de 1730 Samuel Prichard, em *Masonry Dissected*, já falava sobre a “Estrela Flamejante” (“blazing star”) como um mobiliário da Loja. Entretanto ela não constava em nenhum ritual anterior a 1737, quando foi adotada pelas Lojas francesas, que eram apaixonadíssimas pela filosofia hermética. Apenas em 1766 Tschoudy publicou *A Estrela Flamígera ou A Sociedade dos Franco-Maçons*, obra esotérica com interpretações ocultas, que propôs a criação da nova Ordem da Estrela Flamígera, composta de três graus. No Rito de York, a estrela sagrada ou flamejante é representada pela estrela de seis pontas, que simboliza a divindade suprema, com as quatro letras hebraicas ao centro, formando o nome impronunciável de Deus: iôd, hé, vav e hé. Ela serve também para simbolizar os dirigentes da Loja, com o triângulo superior (orientação espiritual) representado pelo Venerável e os dois Vigilantes, e o triângulo inferior (orientação material) representado pelos Cobridor, Orador e Secretário. Se removermos as linhas horizontais da Estrela de Davi, as resultantes linhas que apontam para cima e para baixo simbolizam o esquadro e compasso das Lojas Maçônicas, novamente se reportando à orientação material e espiritual do homem. Nos demais ritos, a estrela flamejante é a de cinco pontas, ou pentágono, com a ponta para cima, de inspiração pitagórica, representando o homem em sua alta espiritualidade. Ela também é chamada de Estrela Hominal, simbolizando os atributos de sabedoria, gnose e espiritualidade. Na Maçonaria ela simboliza a força que impulsiona o homem em direção das suas metas e dá sentido às suas realizações, servindo para lembrar ao Maçom que ele deve criar e trabalhar com sabedoria e espiritualidade. O pentagrama representa também na maçonaria o “número de ouro” ou “proporção dourada”, que é uma relação em que a parte menor esteja em relação à maior, assim como a maior esteja em relação ao todo. Isto se traduz em uma sensação de harmonia e beleza. Rizzardo da Camino, em *Simbolismo do Segundo Grau*, p.182, defende que a verdadeira Estrela Flamígera é aquela que utiliza o Pentagrama, mas sem a inserção da letra G e irradiando chamas. Seu significado é que as chamas consumiriam o homem material, tornando-o puramente espiritual. Ele esclarece que se trata de dois símbolos distintos e não se devem confundir os raios luminosos com as chamas, pois estas são originárias dos egípcios, que consideravam a estrela como símbolo da união da filha de Ísis com o filho do Sol. O Pentagrama sempre foi considerado um símbolo celeste do bem. Acreditamos que a errônea associação do pentágono com Lúcifer e com forças malignas e ocultas

se deve pela sua associação com o antigo nome latino de Vênus (Lúcifer) e pelas invenções de Eliphaz Lévi (baphomet) e Leon Taxil. Erradamente, as traduções da Bíblia de São Jerônimo (sec.IV) e do Rei Jaime (sec.XVII) adotaram em Isaías 14.12 um nome latino (lúcifer) para a Estrela da Manhã, embora o texto do Antigo Testamento tenha sido escrito em uma época em que o latim sequer era conhecido. Ao longo do tempo, os maçons têm preservados seus mitos e lendas, contando histórias antigas desde tempos imemoriais. O fato de o ritual maçônico falar de uma clarabóia na face leste do Templo do rei Salomão, quando inexiste menção dela no Velho Testamento, indica que isto é um conhecimento muito antigo e valioso, uma vez que, na realidade, a clarabóia está associada à luz da Shekinah que entra por ela. Este tipo de conhecimento provavelmente provém da época da construção do Templo e foi preservada apenas nos rituais maçônicos. É necessário ter em mente que para poderem proporcionar uma lição moral e adequarem o comportamento pessoal, os rituais devem ser significativos e inspiradores. Isto às vezes pode requerer modificações para que a comunicação seja bem compreendida e que o conteúdo seja relevante para o contexto social. Por outro lado, é preciso muita cautela com os inovadores, que, não compreendendo os rituais, buscando modificá-los para imprimir sua marca pessoal, destruindo, às vezes, uma herança verbal ancestral. Como exemplo, no antigo ritual do Grau 4, segundo C.Knight e R.Lomas, em Livro de Hiran, p.217, havia uma referência à Estrela da Manhã, como segue: “Qual é a hora? A Estrela da Manhã, afastou as sombras da noite e a grande luz começa a alegrar nossa Loja. Como a Estrela da Manhã antecede a grande luz que começa a brilhar em nossa Loja e somos todos Mestres Secretos, é hora de começar nossos trabalhos”. No atual ritual do Grau 4 do REAA, consta apenas: “Que horas são? As trevas fugiram diante da aurora e dentre em breve a Grande Luz vai resplandecer sobre nossa Câmara”. Como se observa, perdeu-se a importantíssima informação a respeito da Estrela da Manhã, possivelmente porque algum revisor não entendeu ou não concordou com o seu sentido. Entretanto, o simbolismo da estrela ainda faz parte de muitos rituais maçônicos. Segundo Oswald Wirth, em “Les Mystères de l’Art Royal”, p.192, quando o Companheiro pode dizer “Eu vi a Estrela Flamejante”, é porque ele penetrou no grande mistério do segundo grau da Iniciação. Já no grau 18, a Estrela Flamejante está associada à nova lei e à liberdade (citado na introdução), possivelmente se referindo à profecia da vinda de um Messias para libertar os Judeus dos romanos. A estrela, que simboliza o Amanhã e representa o futuro de todas as crenças e esperanças da humanidade, diz: "Eu sou o amanhã. Os judeus esperam o Messias, os muçulmanos o Nadhi, os cristãos, a volta de Cristo (...) Sede tolerantes, porque nada poderá definir o Grande Arquiteto do Universo. Procurai a Verdade, praticai a Justiça e amai o vosso próximo como a vós mesmos, tal é o caminho do dever, a única estrada da Salvação". Anatalino (Mestres do Universo, pg 249) diz que esta alegoria traz grandes lições e “quem bem compreendeu esse ensinamento sabe a razão dessas alegorias. E se devidamente as compreendeu sabe agora o que

verdadeiramente significa ser um maçom, e pode, finalmente, saber o verdadeiro significado da Estrela”. Mais adiante, na pg.258, conclui que entender o significado da Estrela Flamígera “é compreender todo o ensinamento maçônico. Que a razão só abriga a verdade que ela pode suportar, mas o espírito, que é infinito, pode abrigar todas as conformações possíveis, pois ele está conectado às origens do universo... Esse é o grande segredo da Maçonaria”. A descoberta dos ciclos da Shekinah e dos acontecimentos ocorridos a cada 480 anos traz grande contribuição à compreensão da história e estimula reflexões profundas a respeito do significado da estrela. O símbolo da Estrela Flamejante sai muito fortalecido, pois o entendimento do papel da Shekinah na evolução da humanidade mostra a sua importância e a força motivadora que ela exerceu na história do mundo. Esotericamente falando, muitas interpretações importantes são no sentido da luz que guia o nosso espírito. Entretanto, como a Maçonaria atribui extremo valor à liberdade de pensamento, não endossando nem condenando idéias, a interpretação de seus símbolos ficará sempre a cargo de cada maçom individualmente e tais símbolos sempre poderão representar coisas diferentes para pessoas diferentes, chegando-se a conclusão que, dentro do ambiente maçônico, será sempre uma futilidade querer considerar como definitiva qualquer interpretação isolada. Talvez a conclusão mais importante seja que os verdadeiros segredos Maçônicos não devam ser revelados, pois eles têm o objetivo de excitar a imaginação e incentivar a investigação da verdade. Neste sentido, eles são constituídos pela experiência subjetiva que cada Maçom tem da Ordem e da liberdade de cada um para viver e cumprir aquilo que ele entenda como seus ideais. Por outro lado, a importância da Tradição Maçônica não pode ser menosprezada. C.Knight e R.Lomas, Livro de Hiran, com base em pesquisas estatísticas e nos ciclos da Shekinah, acreditam que (pg.279) “Seguramente, deve haver alguma coisa a mais nos mistérios da ciência e da natureza ocultos há mais de seis mil anos do que uma crença supersticiosa a respeito de uma estrela brilhante no horizonte, no momento de nosso nascimento, que assegura boa ou má sorte pelo resto de nossos dias”. E conclui na pg.318: “a ciência diz que alguma coisa está afetando o comportamento humano - e a Maçonaria parece ser a memória de alguma coisa historicamente importante”.

SETEMBRO - 2017

## **Marechal Floriano Peixoto**

### **Bibliografia:**

- C.Knight e R.Lomas, Livro de Hiran
- C.Knight e R.Lomas, O Segundo Messias
- <http://noitedosanjos.blogspot.com.br>
- <http://www.joaoanatalino.recantodasletras.com.br/>
- <http://blogdoconsistorio1.blogspot.com.br/>
- <https://arlsliberdadeeuniao.files.wordpress.com>